

Perspectiva filosófica v. 52 n.4 (edição especial) (2025): O legado de John Dewey: Pragmatismo, Arte e Educação. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 0104-6454. DOI: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2025.265589>

Submetido em: 27 jan. 2025

Aceito em: 7 nov. 2025

Uma apresentação de John Dewey¹

An introduction to John Dewey

Miguel Catalán²

Universidad CEU Cardenal Herrera (CEU-UCH)

Laura Elizia Haubert²

Centro Universitário Assunção (UNIFAI)

RESUMO

A presente contribuição procura resumir o papel desempenhado pelo filósofo norte-americano John Dewey no seio da tradição pragmatista. Para isso se repassará as principais contribuições que Dewey realizou em distintas áreas do conhecimento em que esteve interessado ao longo de sua extensa vida profissional e intelectual: a pedagogia – que é mais conhecida na Europa –, mas também a psicologia, a gnosiologia, a metafísica, a estética, a filosofia moral, a filosofia da religião e, por fim, a intervenção pública desde sua posição como pensador influente na opinião pública de seu país.

Palavras-chave: pragmatismo. pedagogia. metafísica. estética. ética. filosofia da religião. gnoseologia.

ABSTRACT

This paper tries to sum up the role played by the American philosopher John Dewey in the bosom of pragmatist tradition. With this aim in view, the several areas of knowledge in which he was interested throughout his long professional and intellectual life are reviewed: the pedagogic area - the best known in Europe - but also the ones related to psychology, gnoseology,

¹ Ensaio original publicado em: Catalán, Miguel. Una presentación de John Dewey. *Daimon Revista Internacional de Filosofía*, (22), 127-134. Traduzido mediante permissão concedida pela revista de publicação original.

² E-mail: daimon@um.es.

² E-mail lehaubert@professor.unifai.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7323-441X>.

metaphysics, aesthetics, moral philosophy, philosophy of religion, and, at last, the public intervention from his position as an influential thinker in his country's public opinion.

Key words: pragmatism. pedagogy. metaphysics. aesthetics. ethics. philosophy of religion. gnoseology.

Cabe a mim falar esta tarde sobre John Dewey, o filósofo sobre o qual escrevi minha tese de doutorado. É um fato conhecido que, à medida que o dia da defesa se aproxima e, mais ainda, à medida que ele se distancia do passado, um aspirante a doutorando pode desenvolver uma aversão densa ao autor que é o tema de sua tese. Defendi minha tese de doutorado após quatro anos de contato diário com Dewey, e hoje, tantos anos depois, ainda abro seus livros com certa frequência. Vejo dois motivos para a boa saúde desta velha amizade. A primeira é uma ilustração do ditado espanhol que diz que dois não brigam se um não quiser; neste caso, o outro é John Dewey, que, no tom coloquial desta intervenção, poderia ser descrito como uma boa pessoa. A segunda razão é que sua amplitude verdadeiramente universal de interesses impede que eu me canse dos escritos nos quais eles são desenvolvidos: há áreas nas quais ainda mal penetrei. Minha análise só pode ser temática, portanto, se eu quiser dar uma visão geral de sua obra. Mas, vamos primeiro às apresentações.

John Dewey nasceu em 1859 na Nova Inglaterra e faleceu quase um século depois, em 1952, na cidade de Nova York, onde lecionou nas últimas décadas de sua vida na Universidade de Columbia. Junto a William James e Charles Sanders Peirce, Dewey é considerado um dos pensadores “clássicos” do pragmatismo, ainda que já pertencesse a uma geração mais jovem que a dos fundadores: Peirce nasceu em 1839 e James três anos depois; são da mesma geração. Dewey, por outro lado, vem ao mundo vinte anos mais tarde, em 1859. A condição discipular de Dewey respeito a Peirce, e sobretudo com respeito a James, é reconhecida por ele próprio: os “Princípios da Psicologia” (1903) de este último transformou para sempre a percepção que tinha Dewey da psique e da ação humana, ainda que nosso filósofo já seguisse com grande

atenção os escritos de James desde a década de 1890. Foi James quem, ao transpor uma autodefinição kantiana, acordou Dewey de seu sono hegeliano.

O papel de destaque que Dewey desempenhou no desenvolvimento da filosofia contemporânea pode ser visto no fato de que, por um lado, o pragmatismo é a contribuição propriamente norte-americana para a história da filosofia, e por outro lado, é Dewey quem dá ao pragmatismo seu certificado de maturidade. Durante sua vida Dewey foi o mais célebre filósofo estadunidense e o grito de guerra da causa pragmatista em países tão distintos como Itália (com um discípulo tão peculiar como Giovanni Papini), China e Japão. Embora o conjunto de seus interesses intelectuais e práticos só tenha aumentado com o tempo, Dewey é sobre tudo conhecido na Europa pelo chamado “movimento da educação progressiva”, que se tornou o principal método educacional nos Estados Unidos durante os anos 1920; a teoria e a prática educativas a escala mundial já não seriam nunca como foram antes da intervenção de Dewey no final do século XIX. Abriremos nosso panorama temático precisamente por aqui, adiantando já que sinalizado como regra geral que a intervenção educativa de Dewey se insere no projeto geral de sua vida e obra: promover a integralidade da experiência humana. Para isso, ele seguiu um programa de pesquisa organicamente concebido com o objetivo de superar o que ele chamou de “teia de dualismos da filosofia ocidental”³.

1. Pedagogia

O que Dewey pretendia com textos como “My pedagogic creed” “The child and the curriculum” e com sua “Dewey School”, criada pela Universidade de Chicago em 1896, era superar o abismo aberto em sua época pela pedagogia tradicional entre o aluno e o programa escolar, entre o aluno e o professor, e finalmente, entre a escola e a sociedade. Com o propósito de transformar o discente de objeto inerte da educação em sujeito ativo desta, Dewey abordou o problema desde três chaves teóricas: enfoque do programa a partir dos interesses potenciais do aluno (fazer com que o professor não res-

³ Tratei do mapa dos dualismos deweyanos com alguns detalhes em meu livro “Pensamiento y Acción”(Barcelona: P.P.U., 1994).

ponda a perguntas que o aluno não tenha feito a si mesmo, mas sim fazer com que a pergunta “parta” dos próprios problemas do aluno), o uso do funcionalismo psicológico (a consideração da mente como uma parte do organismo dedicada a superar dificuldades práticas) e, finalmente, a integralidade da educação (a escola considerada não como uma preparação para a sociedade, mas como uma sociedade em si mesma; uma sociedade em miniatura em termos da inter-relação de diferentes subjetividades e interesses com base no hábito da democracia entendida como um método de relações humanas). A obra pedagógica de Dewey antiautoritária teve uma influência decisiva no trabalho de Matthew Lipman, que ainda hoje é relevante com sua “Philosophy for Children”. Como tentei demonstrar em outro lugar⁴, Lipman se embasou principalmente nas ideias antigas e renovadas da “nova pedagogia” deweyana para cumprir sua missão de reforma educacional.

2. Psicologia

Dewey colaborou no começo do século XX com seus colegas de Chicago, sobretudo com seu grande amigo G.H. Mead, para formular a doutrina do “funcionalismo” frente ao “estruturalismo” então dominante. Em artigos como o que publicou sobre o arco reflexo em 1896, Dewey defendeu que as entidades mentais devem conceber-se como fases do comportamento do organismo que as gera, e no capítulo VII de “How we think”⁵ especificou as fases funcionalistas do pensamento reflexivo. As ideias são “instrumentos” (daí “instrumentalismo”) para superar os novos desafios que surgem continuamente frente a conduta; em outras palavras, instrumentos para passar do dado ao que se deseja. A psique se encontra naturalmente orientada para a ação; em linha com o anti-intelectualismo norte-americano de B. Franklin, W. Emerson

⁴ Catalán, M. “Psicología, política y educación. Tres claves teóricas de la pedagogía deweyana”. *Paideia*, XL (julio-septiembre, 1997), pp.333-342.

⁵ *How we Think*, em Dewey, John. *The Collected Works of John Dewey 1882-1953*, Jo Ann Boydston (ed.), Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1969-1991. *Middle Works*, vol. VI, 1985.

e R. W. James, o homem deweyano não é tanto um “receptor” ou um “conhecedor” como um “fazedor”⁶.

3. Gnoseologia

É na epistemologia e na teoria do conhecimento onde melhor se aplica o instrumentalismo de Dewey (de fato, a forma deweyana de pragmatismo se conhece sobretudo com o nome de “instrumentalismo”). O instrumentalismo defende a tese de que o conhecimento não implica uma mera recepção passiva de dados em um *receptaculum* mental, senão que o ato mesmo de conhecer expressa uma ação, especialmente a ação instrumental de resolver problemas e de configurar, a esse fim, os resultados previsíveis das hipóteses (hipóteses que, por sua vez, se geram tendo em vista um problema: não há hipóteses sem problemas prévios). A partir dessa perspectiva mediadora da razão, a antiga verdade auto evidente ou incontestável, e com ela o ideal de certeza, é reduzida em Dewey, de forma caracteristicamente modesta, a uma “afirmação garantida” pelos métodos inteligentes de previsão das consequências. Assim, os enunciados verdadeiros não se confirmam na experiência porque são verdadeiros, senão que são verdadeiros porque se confirmam na experiência. Dewey, para quem a função da teoria não é a de refletir o mundo como faria um espelho, mas sim de transfigurar como faria um artesão, é um severo crítico da chamada “teoria do espectador”, é dizer, aquela teoria segundo a qual o sujeito cognoscente seria um mero espectador do espetáculo universal, um polo de conhecimento a margem do mundo que se limita em registrar acontecimentos sem intervir neles. Dewey propõe superar essa dicotomia concebendo a sensibilidade e a razão humanas não como dispositivos independentes de conhecimento, mas como concausas do conhecimento e colaboradores em sua realização em uma esfera comum, que é a esfera da ação. Talvez uma das passagens mais explicativas se encontre em “The Quest for Certainty”⁷, onde fatores sensatos e racionais aparecem como aliados que co-

⁶Ver sobre este ponto Van Wesep H. B. *Siete sabios y una filosofía*. Buenos Aires: Hobbs-Sudamericana, 1965.

⁷ The Quest for Certainty, em Dewey, John. *The Collected Works... Later Works*, vol. 4, 1988.

operam para tornar possível o conhecimento: “Isolá-lo uns dos outros”, afirma o filósofo, “significaria isolar cada um deles de qualquer conexão orgânica com a ação. É quando a teoria é confrontada com a prática que surge a disputa correta sobre se a primazia na teoria pertence aos sentidos ou ao intelecto. A atividade dirigida requer ideias que vão além dos resultados de percepções passadas, uma vez que ela vai ao encontro de situações futuras e ainda inexperientes. Porém, tanto no início quanto no final, ela lida com coisas que só podemos conhecer diretamente, por meio da percepção e do prazer imediatos.”⁸ Dewey reforçou assim a tese comum da epistemologia pragmatista segundo a qual a natureza dos conceitos é “posicional”, vale dizer: os conceitos só funcionam em um contexto determinado; caso contrário, para empregar as palavras de Wittgenstein, “rodam no vazio”.

4. Ontologia e metafísica

A viciada teoria do espectador não pode deixar de resultar na criação fantasmagórica de um Ser estático e autossuficiente, em contraste com a pouca mobilidade necessária para o submundo. Porém, esta concepção ontológica dualista é errônea e, a despeito dela mesma, a realidade como um todo permanece mutável. Incluindo o sujeito: o eu está (é) sempre *in the making* [no fazer], o *becoming* [tornar-se], nunca *still* [parado], quieto o invariável, a não ser que façamos um corte artificial e arbitrário no curso da existência. Portanto, toda a ontologia ocidental, embasada na ideia de Parmênides e Platão do Ser como entidade estática e transcendente deve ser superada por uma ontologia dinâmica e por uma metafísica que se ocupe de estabelecer o que Dewey denomina “os rasgos genéricos da existência”, as diversas formas do ser em sua realidade emergente. A vida é constitutivamente instável e fugaz, mas é assim que as coisas são, e é bom que sejam assim. Há um otimismo metafísico do possível em Dewey, lançando sempre em direção ao futuro, embasado na felicidade das futuras gerações e no aperfeiçoamento social, que aceita sem alarde a expiração da existência individual, mas aceita apenas

⁸ *The Quest for Certainty*, ed. cit. p.137.

uma diferença de grau entre o imanente e o transcendente: a existência voltada para o crescimento e a extensão dos interesses do eu para os outros em uma comunidade democrática orientada para o futuro é tão transcendente quanto a transcendência pode ser. No entanto, quando a realidade individual continua a ser concebida como a única realidade existente, os perigos do pessimismo existencial (e mais ainda: do pessimismo existencialista) levam a soluções igualmente insatisfatórias: nem o ressentimento, nem a negação da realidade, nem a fabricação de utopias imutáveis contribuem para trazer harmonia à existência, mas sim, para estabelecê-la em bases instáveis que causam as mais duradouras infelicidades.

5. Ética

Entrando já no âmbito do moral, John Dewey se empenhou em construir uma ética operativa, a meio caminho entre o normativismo ingênuo e o subjetivismo cético. Por um lado, se opôs à fé em valores e princípios invariáveis, e por outro lado, a opinião amplamente propagada entre os filósofos morais do primeiro terço do século XX segundo o qual não era possível passar de “é” ao “deve”. Nessa direção, enfrentou-se a versão positivista do problema do juízo de valor, tanto como a intuicionista, a fenomenológica, e, em geral, as tradições empirista e idealista que dividem radicalmente os juízos em empíricos e valorativos. Doutrinas que atribuem a cada tipo de julgamento um campo lógico diferente, reservando à exclusão de julgamentos empíricos a suscetibilidade de serem confirmados ou modificados por fatos da experiência e até mesmo a patente de significância. Dewey sustentou, em desacordo com todos eles, que os julgamentos de valor são significativos e que podem ser validados pela experiência e formulados com garantias de validade: uma validade crescente e de chegada, não uma validade estática e inicial. Superar o subjetivismo ético e o relativismo absoluto sem cair no absolutismo e no intelectualismo que fundamentam aprioristicamente a validade dos juízos práticos é uma árdua tarefa de equilíbrio que Dewey atribui ao pensamento moral. Nessa direção, Dewey advogou pela dissolução da tradicional dicotomia entre

os fins e os meios de uma ação, dicotomia essa que ele considerava responsável pelo isolamento das disciplinas práticas do avanço do conhecimento teórico. Ao fazer isso, ele esclareceu o papel desempenhado pelas consequências de uma escolha prática na avaliação final da escolha; como resultado. Dewey substituirá o conceito teleológico de “fim em si mesmo” pelo conceito dialético de “fim em vista”, concebido com o propósito de fazer justiça ao continuum natural entre fins-meios. Este continuum se expressa muito bem em sua “Theory of Valuation”, obra ainda inédita em espanhol: “a medida do valor que uma pessoa atribui a um determinado fim não depende de quanto caro ela afirma que ele é para ela, mas do interesse com que ela se dedica a obter e usar os meios sem os quais ele não pode ser alcançado.”⁹ Portanto, não há fins independentes da ação; por essa razão Dewey sustenta que não há tantos “valores” - estáticos, estruturais - senão “avaliações” - dinâmicas, funcionais. E por essa razão cada geração tem que determinar a ordem de prioridades dos princípios e valores. O único fim independente seria, em todo caso, o fim de toda ação: “growth itself - afirma Dewey - is the only moral end”: o crescimento é o único fim moral.

6. Política e intervenção pública

O outro nome pelo qual se conhece o pragmatismo de Dewey, além de “instrumentalismo”, é o “experimentalismo”; e é nas questões sociais (éticas e políticas) que ele desempenha seu papel mais importante. O experimentalismo expressa a necessidade de testar novos métodos e soluções para resolver os problemas de convivência em constante mudança, e para permitir uma ação pública cada vez mais consciente e esclarecida dentro da estrutura da democracia como forma básica de relações humanas. O crescimento como fim moral individual depende da ampliação das possibilidades humanas da vida em comum, uma vez que a vida meramente individual é, para Dewey, uma mera fantasia: a vida humana pressupõe, per se, a co-presença existencial: o que ele chama de união. Desde esse ponto de vista político, Dewey compartilhou

⁹ Dewey, John. Theory of Valuation. Em International Encyclopedia of Unified Science, II, 4. Chicago: The University of Chicago Press, 1939, p.27.

com outros pragmatistas, como G.H.Mead, que estava empenhado em forjar um “pragmatismo social”, uma mesma esperança, digamos que otimista, na construção compartilhada, igualitária e experimental de ideias e valores. Dentro de uma tradição como a tradição que, desde Platão e Aristóteles, tem se mostrado, no mínimo, ambivalente em relação ao ideal democrático. John Dewey, talvez, seja o primeiro filósofo da história a defender inequivocamente a democracia como o único sistema político que está à altura da dignidade do homem e, portanto, permite que ele expanda sem restrições a capacidade de escolha humana. Há muita fé inabalável nessa crença na democracia, mas também muita confiança enérgica. Em seu artigo “Democracy and Education in the World of Today” (1938), Dewey citou a resposta de Félix Adler a quem desprezava o princípio de “um homem, um voto” embasando-se no superior valor qualitativo dos indivíduos cultivados e organizados: “Não importa quão ignorante seja uma pessoa, há uma coisa que ela sabe melhor do que ninguém: onde seu sapato aperta”; a máxima como uma vingança dirigida contra as teorias antidemocráticas da direita e da esquerda que usam conceitos como “minorias conscientes” ou “elites” para não permitir a voz política das maiorias. Como Dewey expôs em “Democracy and Educational Administration” (1937), “democracia” significava “fé nas capacidades da natureza humana; fé na inteligência e no poder da experiência associada e cooperativa”. A democracia de Dewey é uma democracia ideal; essa mesma aspiração idealista encontra-se na definição que deu de “pragmatismo” seu principal discípulo, Sidney Hook: “é a teoria e prática - escreveu Hook - de engrandecer a liberdade humana em um mundo precário e trágico graças a arte do controle social praticado com inteligência. Pode que se trate de uma causa perdida, mas não conheço nenhuma [causa] melhor”¹⁰.

Nesse sentido, Dewey talvez tenha sido o pensador que defendeu com mais veemência não apenas a viabilidade da democracia plena, mas também a força das democracias de fato em oposição a outras formas de organização social que dependem da rigidez das estruturas, da figura do líder ou do culto à tradição para sua durabilidade. Em datas trágicas e comprometedoras, Dewey

¹⁰ Hook, Sidney. *Pragmatism and the Tragic Sense of Life*. Basic Books: Nueva York, 1974. p.25.

se opôs veementemente à tentação de imitar o fascismo ascendente na limitação da liberdade de informação, ressaltando que a democracia não é apenas um fim, mas também um método, e que uma ditadura temporária para alcançar uma democracia mais plena é apenas uma contradição em termos.

Na direção prática de seu pensamento, Dewey foi um homem extraordinariamente envolvido na reforma e na crítica do sistema social norte-americano, no capitalismo e no liberalismo desenfreado de seu tempo, do qual era altamente crítico, ele também interveio de forma decisiva em todos os problemas que afligiam a democracia no país e no exterior, a fim de construir o que ele chamou em “The Public and Its Problems” de “A Grande Comunidade”, ou seja, uma comunidade que vai além de um liberalismo que considera os indivíduos de forma atomística, à maneira lockeana, e aplica o conceito social, republicano e quase jeffersoniano de sociedade de Dewey.

Deve-se observar que, nas décadas de 1920, 1930 y 1940, os filósofos norte-americanos, e não apenas os pragmatistas, desempenharam um papel importante no que Richard Rorty chamou de “liderança moral do país”. Em um nível prático, ao longo desse trecho da história Dewey defendeu a participação dos Estados Unidos nas duas guerras mundiais em defesa das democracias europeias e também, como detalhei em meu “Processo a la guerra”¹¹, defendeu, por meio de uma série de artigos a favor das propostas legislativas do chamado programa de “deslegalização da guerra” que surgiu após a Primeira Guerra Mundial. Dewey foi membro do Committee for the Outlawry of War (Comitê para a Ilegalidade da Guerra) com o objetivo instrumental de impedir a adesão dos EUA à Liga das Nações, que eles consideravam insuficiente para garantir a paz mundial. O movimento pela ilegalidade desempenhou um papel importante na elaboração do chamado Pacto de Paris (ou Pacto Briand-Kellogg) de 1928, pelo qual os principais países industrializados concordaram em assinar um tratado especificando a renúncia à guerra como meio de resolver conflitos internacionais.

7. Estética

¹¹ Catalán, Miguel. *Proceso a la guerra*. Valencia: Alfons el Magnànim, 1997.

Em seu livro central sobre esta disciplina, “Arte como Experiência” (1934), Dewey se opôs a concepção do belo como conceito separado do resto das experiências humanas e a separação da arte com respeito a vida humana em certa concepção sacralizante dos modernos museus e galerias de arte. A experiência estética é uma experiência corrente baseada em conceitos comuns como “ritmo”, “harmonia” e “processo”. A arte é uma exteriorização dessa experiência, mas não uma exteriorização sem propósito (“a arte pela arte”), mas sim orientada para a comunicação com os outros. Esta concepção do artístico, não como um objeto à sua frente, mas como uma unificação na comunidade de suas próprias experiências, que a princípio pode parecer única e até solipsista, é mais um sinal do humanismo democrático do autor.

8. Religião

Quanto a religião, Dewey desenvolveu em sua obra “A Common Faith” (1934) a ideia de que o importante não é a crença em uma realidade sobrenatural que ao longo de nossa vida invalidaria a realidade empírica e nos acolheria em seu seio depois de morrer, mas sim o contrário, a experiência de uma fé que intensificaria o valor da vida diária mediante a confiança no divino, e de uma divindade despersonalizada e idealizada que reforçava a alegria da existência e a capacidade criativa do homem. Essa experiência religiosa não seria uma experiência a parte que existe por si mesma, mas sim, a forma em que se vivem outras experiências, como a do amor, da amizade, do pertencimento a uma comunidade ou inclusive a experiência estética. Assim, pois, propôs limitar o uso do substantivo “religião”, que ele associava com as religiões particular e com as crenças concretas, e empregar mais o adjetivo “religioso”, que denota uma qualidade universal da experiência individual; também, e ainda que isto quiçá resulte mais atrevido, substituir “Deus”, que é um conceito puramente sobrenatural e objetual, pelo “divino”, mais indeterminado, que associa o mundo do real e do ideal no seio da própria experiência humana. Publicado em seus 75 anos, “A Common Faith” colocava fim a toda uma vi-

da padecendo de críticas de que havia escrito sobre todos os temas menos sobre o religioso; Dewey o fez por fim, buscando integrar a experiência religiosa no conjunto das experiências humanas, situando-a entre o limite do indesejável do supernaturalismo tradicional e o ateísmo destrutor.

Havia disciplinas e áreas de pesquisa entre as que descrevemos brevemente que ocuparam apenas parte de sua vida: a religião e a estética, por exemplo, ocuparam a parte final de sua existência; a psicologia pertence mais propriamente a uma etapa juvenil, enquanto a pedagogia o ocupou entre os 35 e 50 anos de sua vida; outras, no entanto, como a política, a consideração sobre o papel da filosofia ou a crítica da cultura, foram mais ou menos constantes. Em todas elas, contudo, e em linha com uma das principais colunas sustentadoras do espírito comum do pragmatismo, buscou uma síntese intelectual que pudesse ajudar o ser humano a conceber a si mesmo de uma forma integral, harmônica e enriquecedora, e só as abandonou quando julgou que havia feito tudo que podia nesta direção.

Nota bibliográfica

A edição crítica das Obras Completas de John Dewey se encontra disponível em duas versões: a impressa e a eletrônica.

Em relação a primeiro, se dividiu em três grandes blocos: obras juvenis (The Early Works), obras do período Médio (The Middle Works) e obras de maturidade (The Later Works). A referência completa é:

— DEWEY, John. The Collected Works of John Dewey 1882-1953. Jo Ann Boydston (ed.) Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1969-1991.

Em relação as edições eletrônicas, que se reúnem em um CD-ROM a obra de Dewey com exclusão de sua correspondência, sua referência é:

— The Collected Works of John Dewey, 1882-1953: The Electronic Edition, Larry A. Hickman (ed.): Charlottesville, Virginia: InteLEX Corp., 1996.

Para aqueles que desejam, no entanto, aproximar-se a obra de John Dewey em espanhol pela primeira vez, é aconselhável ler três obras já traduzidas: *La Reconstrucción de la Filosofía* (Barcelona: Planeta-Agostini, 1986), que mantém um caráter filosófica geral. *Naturaleza humana y conducta* (México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1964), que é uma introdução simples e sugestiva à psicologia funcionalista, e por fim, *Libertad y cultura* (México, D.F.: UTEHA, 1965), que representa um bom resumo de sua filosofia moral e política, com um capítulo final sobre o espírito da democracia. Para os leitores do original em inglês, além dos textos anteriores, *Experience and Nature* (em *The Collected Works of John Dewey. Later Works*, vol. I: 1981), é considerado, com razão, seu ensaio mais importante, e *The Quest for Certainty* (em *The Collected Works of John Dewey, Later Works*, vol. IV: 1988) a exposição mais completa de sua análise do problema do conhecimento.